

Ofícios casuais – uma ação comunitária

Wilfrid Buchweitz

O presente artigo quer ser entendido como um convite à reflexão sobre a prática dos ofícios casuais nas comunidades.

Os dias em que se realizam ofícios casuais são dias de festa na Comunidade, ou dias de luto, no caso de supultamentos. A Comunidade é a promotora dos ofícios casuais. Eles são realizados dentro da Comunidade e pela Comunidade. A Comunidade é a entidade responsável pelos ofícios, é a entidade "jurídica", no sentido teológico, responsável.

Em parte foi a própria Comunidade que introduziu os ofícios e lhes fixou o conteúdo ao longo da história, como no caso da confirmação, bênção matrimonial e sepultamento. Em outra parte o conteúdo foi instituído pelo próprio Senhor da Comunidade, Jesus Cristo, como no caso dos sacramentos do Batismo e Santa Ceia.

A família na qual se realiza um ofício casual é apenas a beneficiada, ela é servida com o ofício, é o centro, a Comunidade a presenteia com um ofício, a Comunidade oferece sua participação e comunhão. A família não é "dona" do Batismo, bênção matrimonial, sepultamento. Quem é "dona" é a Comunidade.

O pastor é instrumento. Ele tem responsabilidade especial para que o conteúdo dos ofícios realizados corresponda àquele dado por Cristo e pela comunidade. A Comunidade lhe delega esta responsabilidade, acompanha-o, preocupa-se em criar as condições necessárias. O pastor também não é "dono" dos ofícios. Também aqui vale que "dona" é a Comunidade, da qual o pastor é membro com tarefas e responsabilidades especiais.

A visão acima é uma visão teologicamente ideal. A realidade muitas vezes é outra. A Comunidade não tem consciência de sua autoridade e responsabilidade e não as pratica. A

preocupação pelos ofícios fica restrita a famílias e grupos envolvidos, que em troca de sua contribuição financeira solicitam serviços ao pastor, compram serviços ao pastor. Em outros casos o pastor assume toda a responsabilidade e se arroga direitos sobre a realização de ofícios.

Assim os ofícios se tornam acontecimentos isolados da Comunidade, acontecimentos particulares, desvinculados de sua origem. Há ocasiões em que os ofícios se tornam verdadeiros quistos, que consomem grande quantidade de energias a ponto de, às vezes, debilitar perigosamente o todo do organismo da Comunidade ou a ponto de impedir a Comunidade a realizar as suas verdadeiras tarefas. O pastor tem que empatar grande parte de seu tempo na realização de ofícios, sem chance de se dedicar a trabalhos de repercussão mais comunitária. Às vezes o próprio pastor perde a visão do todo e realiza ofício atrás de ofício isoladamente do todo da Comunidade.

Se na primeira parte, acima, se pintou uma visão ideal dos ofícios e depois se disse que a realidade é outra, então agora é preciso dizer que uma visão ideal, mesmo quando não integralmente praticável, pode ser um alvo em direção ao qual a gente inicia uma caminhada.

É o que queremos tentar. Mesmo que a realidade esteja longe do ideal, mesmo que nos últimos tempos, decênios ou séculos tenha acontecido um afastamento crescente do ideal, nada nos impede de tentarmos, nada nos permite de não tentarmos a caminhada em direção ao alvo.

Como a Comunidade poderia reaver a autoridade e responsabilidade pelos ofícios? Como a Comunidade poderia assumir a sua função neste tarefa? Como devolver à Comunidade os ofícios que lhe pertencem?

Certamente há vários caminhos viáveis, a prazos mais curtos ou mais longos, de maior ou menor profundidade. Uma questão muito importante é a pergunta pela praticabilidade do caminho na situação atual da Comunidade. Há condições ou não para perseguir um caminho?

Um caminho que talvez fosse praticável e valesse a pena ser tentado poderia ser concentrar a atenção da Comunidade sobre os ofícios em todas as suas atividades por um tempo considerável. Durante um ano inteiro, ou meio ano, ou três meses, dependendo da intensidade dos traba-

lhos, poderia ser feita uma reflexão ampla em todos os grêmios da Comunidade, presbitério, OASE, Juventude Evangélica, cultos, programas de audio-visuais sobre, por exemplo, o Batismo. Os enfoques poderiam ser muitos: Batismo, Batismo e participação na vida da Comunidade, Batismo e vida profissional, Batismo e matrimônio, Batismo e responsabilidade pública, numa preocupação constante de relacionar Batismo com o dia a dia da vida, Batismo e Comunidade, Comunidade e Batismo. O mesmo processo poderia ser aplicado em relação a todos os outros ofícios, mesmo que o empreendimento todo se estendesse por um longo período de tempo, talvez anos.

Outro caminho, e este talvez imprescindível no atual estágio da Igreja pode ser o diálogo, de caso para caso, com as famílias nas quais se realizam ofícios. Em muitos casos as famílias não conhecem mais o verdadeiro sentido dos ofícios e muito menos sabem que Batismo e sepultamento não acontecem dentro da família apenas, mas dentro da Comunidade. Palestras de Batismo, palestras com noivos são de grande importância e nenhuma Comunidade deveria deixar de realizá-las. A tarefa poderia ser assumida por membros da Comunidade, casais integrados na Comunidade, por exemplo.

Outra maneira de a Comunidade assumir mais o seu papel e desempenhá-lo mais concretamente poderia ser a de o presbitério, juntamente com o pastor que é membro do presbitério, debater a pergunta se em determinadas situações um ofício deveria ser realizado, um Batismo uma bênção matrimonial. Na situação atual há cada vez mais casos onde há tantos indícios no sentido de o conteúdo cristão de um ofício estar em jogo ou a responsabilidade cristã inerente a cada ofício não ser cumprida, que o presbitério, em nome da Comunidade, deveria analisar a pergunta se o ofício pode ser realizado. É uma questão muito delicada e precisa ser tratada com muito cuidado, deve-se olhar os vários aspectos da situação, mas por outro lado não se justifica, não é responsável realizar ofícios indiscriminadamente.

Uma oportunidade que os ofícios oferecem é a de a Comunidade olhar mais amplamente o ambiente em que ocorre um Batismo, sepultamento. Há uma possibilidade de olhar mais de perto a área ao redor do acontecimento em si do ofício e de seu conteúdo teológico. Isso é muito importan-

te. Mesmo que o conteúdo do ofício seja dádiva de Deus, como no caso dos sacramentos do Batismo e Santa Ceia, mesmo assim é importante o ambiente em que a Comunidade permite que Deus coloque a sua dádiva. Do ambiente depende o bom ou mau uso da valiosa dádiva de Deus. Também no caso da confirmação, bênção matrimonial, sepultamento o ambiente é importante para o bom ou mau sentido do ofício. Por isso por ocasião dos ofícios há uma oportunidade e uma responsabilidade ao mesmo tempo de a Comunidade dar uma olhada na família e seu ambiente onde se realiza o ofício, numa preocupação a mais global possível.

Pode-se ilustrar isso em alguns exemplos concretos.

Quando um casal vem para anunciar o batismo de uma criança, a Comunidade tem oportunidade de perguntar em que ambiente ocorreu o nascimento e vai ocorrer o Batismo. A criança poderá se desenvolver naquele ambiente? O Batismo poderá ser vivido ali? As condições econômicas, higiênicas, profissionais, de saúde permitem isso? Uma diocese católica no nordeste brasileiro não batiza crianças sem que elas tenham sido vacinadas. O que a Comunidade poderia e deveria fazer na situação? A criança terá alimento suficiente? Terá afeto suficiente quando os dois pais trabalham? O casal deveria ter mais filhos? Há condições e disposição de viver uma vida cristã?

Por ocasião da confirmação há outra oportunidade para preocupações semelhantes. Os problemas do ensino confirmatório em si normalmente são fáceis de resolver, em comparação com os problemas que ocorrem ao redor. Pais e padrinhos estão disposto a caminhar com o filho a partir de uma opção cristã? Qual a situação familiar em que vive o confirmando? Qual o futuro educacional e profissional do jovem? Que oportunidades de diálogo sobre perguntas existenciais do jovem oferece a Comunidade?

A bênção matrimonial a este casal é uma bênção ou ajuda a encobrir uma provável desgraça? É a bênção a um novo começo e por isso necessita de muita alegria e incentivo? Ou é um lenitivo de consciência e precisa de um juízo evangélico? Que é que a Comunidade pode fazer preventivamente em favor dos jovens casais? Onde o jovem casal vai morar, há um outro casal por perto e em condições de oferecer diálogo e convívio?

Sempre é muito difícil repartir tristeza, especialmente quando se trata de tristeza provocada pela perda de uma

pessoa querida. Mas justamente por isso é importante que a família enlutada sinta a companhia de sua Comunidade. Quem são os vizinhos da família enlutada e que poderiam prestar um serviço de visitas? Quem poderia compartilhar uma esperança cristã com o pai aflito? Muitas pessoas vão a sessões espíritas pela primeira vez numa oportunidade destas, quando ficam sozinhas com o seu vazio, suas perguntas. Em que situação econômica ficou a família? Quem pode ajudar a viúva nas questões de inventário?

A Santa Ceia para doentes também ocorre numa situação de sofrimento e levanta perguntas de como a Comunidade poderia participar da situação, tanto em relação ao doente como em relação a sua família. O mesmo vale para a situação de Santa Ceia para pessoas de idade. Qual é a situação real? Quais são as necessidades? Qual o papel que a Comunidade deveria ou poderia assumir?

O fato de os ofícios serem de responsabilidade da Comunidade traz implicações para a ocasião em que são realizados. É necessário que a Comunidade esteja presente aos ofícios realizados em benefício de seus membros. Ou, dizendo a mesma coisa numa outra perspectiva: É necessário que os ofícios sejam realizados na presença da Comunidade.

O que isso significa concretamente para as diversas situações?

Significa que o Batismo seja realizado na presença da Comunidade. A Comunidade não pode ver o Batismo como assunto de determinada família apenas. O Batismo é assunto dela, da Comunidade, também. É responsável que ela se faça presente. Por outro lado nenhuma família da Comunidade pode ver o Batismo como festa dela apenas. Ela não pode festejar sozinha e por outro lado não precisa festejar sozinha. Por isso não se concebe um batismo particular. O lugar de uma Comunidade festejar o Batismo é junto com a família e o lugar de uma família festejar um Batismo é dentro de sua Comunidade. Isso tem conseqüências práticas: Ou a Comunidade, um número expressivo de seus membros, se reúne especialmente para o Batismo, ou as famílias batizam seus filhos quando a sua Comunidade está reunida. Na prática isso significa que o normal será que os Batismos são realizados dentro dos cultos. Um Batismo no sábado de tarde só para uma família está fora de seu lugar, mesmo que os pais,

padrinhos, alguns convidados e o pastor sejam membros da Comunidade. O lugar do Batismo é em meio à Comunidade reunida e ela se alegra junto com os pais e padrinhos com a dádiva de Deus no Batismo e ela assume junto com os pais e padrinhos a responsabilidade por uma educação responsável da criança batizada.

Os Batismos dentro do culto podem trazer algumas dificuldades práticas. Ouvir cada domingo uma alocução de Batismos pode trazer uma carga pesada para a Comunidade. Mas há possibilidade de contornar isso. Quando há palestra para pais e padrinhos anteriormente, a alocução pode ser abreviada ou até dispensada. Em algumas Comunidades se adota a praxe de não se realizarem Batismos em todos os cultos. Algumas vezes realizam-se cultos de Batismo, onde tudo, hinos, orações, pregação se referem ao Batismo. Certamente há outros caminhos viáveis.

Há a considerar ainda que a localização de um Batismo no culto não significa ainda que o Batismo se realize dentro da Comunidade. Especialmente em cidades ou em Comunidades muito grandes uma família que batiza seu filho pode ser um verdadeiro corpo estranho. Não sente a participação da Comunidade e esta na verdade tem grande dificuldade de participar. Um não conhece o outro.

Nestes casos torna-se necessária uma apresentação da família à Comunidade. O pastor, melhor ainda se fosse um membro da Comunidade, deveria apresentar a família à Comunidade: o nome dos pais, onde moram, se é o primeiro filho, o nome dos padrinhos, alguns dados que contribuem para algum conhecimento, sem bajulação, com tratamento igual para todos. À família que batiza poderia se transmitir a alegria e participação da Comunidade. Nas orações podem ser citados os nomes explicitamente. Outra possibilidade de ir ao encontro desse problema poderia ser uma descentralização da Comunidade para que os Batismos pudessem ser realizados onde as famílias moram e são conhecidas. Pode-se levantar a pergunta se convinha dividir-se a Comunidade em setores de um determinado número de famílias e realizar-se ali os Batismos na Comunidade dos vizinhos. Que outras possibilidades existem para devolver o Batismo à Comunidade e devolver a Comunidade às famílias que batizam? Aqui está um desafio muito grande à criatividade das Comunidades.

Um caminho semelhante ao apontado em relação ao Batismo vale em relação ao ensino confirmatório. Como

localizar os confirmandos, as suas famílias, a confirmação, o ensino confirmatório dentro da Comunidade? Como tornar a confirmação um acontecimento da Comunidade? Como possibilitar que o jovem possa dizer um sim a seu Batismo, mas também a sua Comunidade? Como possibilitar que a Comunidade possa dizer um sim alegre e responsável ao jovem e sua fé? Como administrar o ensino e realizar a confirmação? Como ter participação de tal maneira que pais e jovens sejam levados a sério? Algumas comunidades fazem encontros de pais com regularidade. Uma Comunidade adotou na OASE os mesmos assuntos do ensino confirmatório e convidou para as reuniões todas as mães dos confirmandos; teve uma experiência muito positiva. Numa outra Comunidade grupos de pais refletem sobre os mesmos assuntos abordados no grupo dos jovens. Outra Comunidade entregou o ensino confirmatório a líderes jovens com pequenos grupos. O argumento de que é importante que o confirmando conheça o pastor é rebatido com a opinião de que é melhor o jovem ter outra pessoa de confiança e contato na Comunidade, porque quase sempre o pastor muda de Comunidade após alguns anos. Várias Comunidades adotaram a modalidade de retiros e cursos intensivos. No próprio ato da confirmação deveriam ser buscadas formas que substituíssem o ar de solenidade por uma vivência mais integradora de Comunidade e pais e confirmandos.

Na bênção matrimonial também há uma porção de aspectos a considerar. A participação do casamento no culto algumas semanas antes talvez possa ser mencionada em primeiro lugar. Em geral os noivos participam destes cultos. Mas provavelmente na maioria dos casos eles são estranhos à Comunidade e vice-versa. São jovens que não freqüentam o culto com regularidade, ou um dos jovens é de outra localidade, ou um dos dois vem de outra igreja. Muitas vezes se observa que os dois estão completamente deslocados dentro do culto e da Comunidade. O que fazer para que se sintam acolhidos pela Comunidade? Numa localidade o pastor pede aos noivos presentes ao culto que se levantem na hora da comunicação do casamento. Assim toda a Comunidade pode ao menos vê-los. Certamente poderia ser feito mais. Os dois poderiam ser apresentados à Comunidade e esta poderia ser apresentada a eles. O próprio ato da realização da bênção matrimonial apresenta diversas dificuldades. Algumas poucas Comunidades realizam a bênção matrimonial no culto dominical. Na grande maioria das

Comunidades a bênção matrimonial é realizada fora do culto. Muitas vezes é encarada como uma festa familiar onde o aspecto social tem peso muito grande. A consciência de a bênção matrimonial se realizar dentro da Comunidade e com a participação da Comunidade é muito débil. Colocar a bênção matrimonial dentro do culto dificilmente é praticável. Mais viável provavelmente é a outra direção: motivar a Comunidade a participar do ato da bênção matrimonial. Por ser uma ato comunitário a Comunidade sempre está convidada a comparecer à igreja, sem que haja necessidade de convite especial. Muitas vezes pessoas comparecem à igreja mas muito mais para "ver os noivos" do que para se colocar com eles sob a Palavra de Deus e oração e ser Comunidade com eles. Muitas vezes quem determina a atmosfera na igreja é menos a Comunidade do que a Sociedade presente a um ato social. Deve haver caminhos que merecem ser tratados.

O sepultamento talvez seja dos ofícios que mais preserva o aspecto de acontecimento na Comunidade. O ponto saliente é a pregação e as orações proferidas pelo pastor. E quando este se preocupa em se comunicar com os presentes de maneira a corresponder à situação, então o espírito de Comunidade se torna marcante. Talvez a maior dificuldade surja novamente no culto em que se realiza a participação de falecimento. Ali às vezes a família enlutada é uma ilha solitária dentro da igreja. O fato de a família enlutada talvez não ser assídua freqüentadora de cultos não justifica que nesta hora ela sinta um frio de indiferença ou curiosidade em vez de um calor de participação e acolhimento. O pastor poderia ajudar no momento de participação do falecimento e na oração. O importante é que ele tente acertar a situação em que a família se encontra. A participação em culto tem duas finalidades: a de comunicar à Comunidade que faleceu um de seus membros e a de manifestar à família enlutada a participação da Comunidade na dor e na esperança. Nas orações poderia ser citado o nome da família enlutada. A comunicação de falecimento não precisa ser um remexer a ferida provocada pelo falecimento, mas também não deve ser uma comunicação seca, insensível e neutra. Não importa o que tenha havido, na Comunidade faleceu um de seus membros, que foi pessoa humana e ali está uma família enlutada, perturbada, numa situação difícil. Nas palavras de participação e na oração deve transparecer algo disso. Em uma Comunidade há a praxe de alguém do presbitério

cumprimentar a família enlutada. Os membros da Comunidade, vizinhos da família enlutada têm responsabilidade especial na situação.

Na Santa Ceia para doentes uma participação expressiva da Comunidade é mais difícil. Mas talvez posteriormente ela possa ser comunicada a membros da Comunidade, a grupos que se reúnem naqueles dias, ou até no culto. No caso de Santa Ceia a pessoas de idade muitas vezes há a oportunidade de participação por alguém da Comunidade, do presbitério, da OASE, Juventude, vizinhança. Em lugar de dar a Santa Ceia às pessoas idosas em suas respectivas casas, mais e mais Comunidades estão adotando a modalidade de cultos com Santa Ceia para idosos, na igreja, com participação de outros membros da Comunidade.

Mencionaram-se acima os ofícios casuais mais geralmente aceitos como tais. Há quem inclua entre os ofícios casuais outras oportunidades de presença da Comunidade em situações da vida dos membros. Esta discussão não vem ao caso aqui. A localização dos ofícios dentro da Comunidade é a preocupação que vale.